

## Terry Eagleton: a trajetória da crítica

Andrew Yan Solano Marinho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho dedica-se a uma análise do histórico de defesa do crítico britânico Terry Eagleton de uma visão crítica e política nos estudos de literatura e cultura. Em toda sua trajetória sempre defendeu uma autoconsciência para nossos interesses com as ideias e ações que defendemos. Tentaremos destacar que apesar desse autor possuir uma obra vasta e multifacetada ele possui uma estrutura de pensamento que organiza todo seu arcabouço teórico. Para isso, dividimos o trabalho em cinco partes, Inicialmente faremos uma exposição dos trabalhos a cerca de sua obra, na segunda tentaremos mapear os pressupostos de sua crítica, no terceiro mostraremos em que consiste a base de sua crítica e como ela se desenvolveu ao longo de sua carreira, na quarta faremos uma breve confluência entre o pensamento brasileiro e o do crítico inglês. Por fim, traçaremos algumas conclusões a respeito da validade de seus argumentos para o exercício crítico.

59

---

**Palavras-chave:** Terry Eagleton; Trajetória; Crítica; Teoria; Política.

---

<sup>1</sup> Andrew Yan Solano Marinho/ pedra\_rhenoda@hotmail.com/ Mestrando em Literatura comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Aluno do programa de pós-graduação dos estudos da linguagem- PPGEL-UFRN.

**Abstract:** This paper intent to an analysis of the historical engagement of British critic Terry Eagleton for a critical and political vision in the studies of literature and culture. Throughout his history, he has always advocated for self-consciousness of our interests and ideas and actions that we advocate. We will try to emphasize that, although this author has a vast and multifaceted work, he has a peculiar thought that organizes your entire theoretical framework. For this purposes, we divide the work into five parts, first we will exhibit the works about his ideas, on the second we attempt to map the assumptions of his criticism, third we'll show what is on the bases of his criticism and how it has developed over of his career, fourth part is a brief confluence between the Brazilian thought and the English critic. Finally, we going to draw some conclusions about the validity of his arguments for the critical exercise.

**Keywords:** Terry Eagleton; History; Critic.; Theory; Politics.

## 1. Introdução

Esta pesquisa pretende analisar a obra do pensador britânico Terry Eagleton (1943-) um dos mais influentes críticos literários e culturais da contemporaneidade e que, em quase meio século de produção, consegue polemizar questões tanto na política como na teologia. Ele vem conseguindo atrair atenção desde os mais conservadores acadêmicos de Oxford até curiosos das mais diversas áreas, como advogados, que Eagleton faz questão de frisar no prefácio da segunda edição inglesa do seu mais famoso “best-seller” acadêmico *Teoria da Literatura: Uma introdução* (1983).

Este trabalho se dedicará à produção de uma profunda reflexão sobre as concepções teóricas de Terry Eagleton tendo como objeto nuclear de análise seu entendimento sobre o papel da teoria e da crítica para a experiência do texto literário, visto que o defendemos como crucial na obra do autor. Entendemos que Eagleton desenvolve todo um projeto de militância a consciência política nos diversos ambientes culturais, principalmente nos espaços estéticos e artísticos, defendido por alguns como um espaço privilegiado, intocável a qualquer ideologia que não seja a própria neutralidade ou desinteresse ideológico e político.

Poucos estudos foram realizados a respeito da produção teórica de Eagleton, e a maioria é bastante recente. No âmbito internacional, foram produzidos dois trabalhos expoentes: *Terry Eagleton* (2004) de David Anderson, onde ele elenca os temas discutidos ao longo da carreira do autor britânico como o marxismo, cultura, pós-modernismo e estudos ingleses e irlandeses. Deixando de fora suas discussões sobre teologia e metafísica.

*Terry Eagleton: Critical introduction* (2008) de James Smith, descreve a trajetória crítica de Eagleton de forma diacrônica. E divide a trajetória desse autor em cinco fases, a fase inicial como teórico da esquerda católica, a segunda fase trata do seu início na crítica literária sobre a influência de Raymond Williams até sua adoção da visão althusseriana de crítica ideológica.

A terceira fase se daria em sua abertura do marxismo as questões pós-estruturalistas nos anos 80, saindo do “cientificismo” althusseriano para uma crítica revolucionária que levasse em conta a teoria para fins políticos práticos. Nos anos 90, passaria para uma fase de militância contra os excessos do pós-modernismo, além de alguns estudos sobre cultura, e na sua fase mais hodierna seu retorno às questões metafísicas.

No Brasil, o único trabalho que trata mais densamente sobre o assunto é *Terry Eagleton: uma apresentação* (1996) das professoras de literatura da UNESP Maria Cevaso e Iná Costacuja escrita, assim como os trabalhos internacionais, se volta para uma apresentação do teórico. Destacamos nesse trabalho sua explanação a herança esquerdista de Eagleton e do entendimento de que seu projeto intelectual está fundadona consciência de que a crítica da cultura não é uma disciplina acadêmica anódina, mas uma forma efetiva, ainda que limitada, de intervenção na realidade.

Semelhante a esse entendimento vemos o prefácio escrito por Matthew Beaumont, do livro *A tarefa do crítico* (2008) de Terry Eagleton e Matthew Beaumont. Nele, Beaumont defende como ponto crucial da obra de Eagleton a questão da “crítica” e acredita que esse pensamento é irradiado por toda sua obra.

Nosso trabalho se diferencia justamente por almejar trazer a tona uma discussão mais íntegra da obra de Eagleton que já vem sendo desenvolvida, como demonstramos anteriormente, porém, nosso foco se dará especificamente para levar essa discussão à questão da literatura. Neste sentido, entendemos que sua vastidão teórica e popularidade podem conduzir a uma difusão vasta de conceitos parciais de sua obra, podendo gerar um reducionismo sobre a compreensão e a dimensão de um crítico tão influente. Partindo dessa conjectura, propomos um entendimento mais holístico do crítico. Sob essa ótica, faremos uma breve ilustração da visão de Eagleton que queremos discutir.

## 2. O Histórico de política e estética

Terry Eagleton é herdeiro de uma tradição esquerdista de crítica cultural materialista os "Red Thirties", que apoiados nas ideias de Marx e Engels procuravam circunscrever as condições materiais e históricas imbricadas na relação da cultura com a sociedade. A sua maior referência dessa tradição é o crítico Raymond Williams (1921-1988), como observado no artigo sobre Eagleton da professora de literatura da UNESP Maria Cevasco em que ela comenta:

Como Williams, Eagleton é um escritor prolífico, que transita entre a crítica e a criação literárias. Ainda como Williams, Eagleton alia a atuação didática a uma atenção concentrada tanto na produção literária quanto na crítica que cada vez mais atua como mediadora da experiência da literatura. (CEVASCO, 1996, p.50).

Mostra-se relevante, também, conhecer os teóricos e teorias que têm influência direta para o pensamento de Eagleton, para que possamos ter uma noção dos fundamentos de sua análise. Desta forma, destacamos Raymond Williams em especial suas noções de materialismo cultural, que diluindo as fronteiras entre cultura e materialismo, faz uma ponte entre marxismo e pós-modernismo, tese assumida largamente por Eagleton. Louis Althusser e Pierre Macherey, sobre a questão das ideologias e crítica científica que tiveram forte influência na fase inicial do pensamento eagletiano em especial no seu livro *Criticism and ideology* (1976). Walter Benjamin, outro teórico, cuja posição sobre crítica estratégica e a tarefa do crítico, realmente tem referência direta na visão de crítica de Terry Eagleton. Vale a pena ressaltar a argumentação de James Smith (2008) sobre a influência do padre dominicano Herbert McCabe no estilo de escrita e no pensamento de Eagleton. Muito das estratégias retóricas e argumentativas do autor remetem a McCabe, bem como, as concepções

progressistas de teologia e Ética, que prefiguram as análises metafísicas do autor britânico. (SMITH, 2008)

Em mais de quatro décadas de análise desde seu primeiro livro *The New Left Church*, como Terence Eagleton, (1966), até seu mais recente trabalho *The event of literature* (2012) ele já produziu mais de 30 livros e dezenas de artigos e textos, tanto acadêmicos como jornalísticos.

No âmbito da literatura possui uma posição tanto de crítico, em trabalhos como *Shakespeare and Society* (1966), *Myths of Power* (1975) e *The Rape of Clarissa* (1982), como de escritor de textos literários e cinematográficos a exemplo do drama *Brecht and Company* (1979), do romance *Saints and Scholars* (1987), das peças *Saint Oscar* (1989), *The White Gold and the Grangrene* (1993) e do roteiro do filme *Wittgenstein: The Terry Eagleton Script, The Derek Jarman Film* (1993). Além de grandes títulos didáticos, vide *Marxismo e crítica literária* (1976), *Teoria da literatura: Uma introdução* (1983), *Ideologia: Uma introdução* (1991), *The English Novel: An introduction* (2004) e *How to Read a Poem* (2007).

Apesar de toda essa influência esquerdista, o pensamento de Eagleton é marcado por uma fluidez que perpassa os estudos literários, se enraizando por outras áreas. Eagleton tem ao longo do tempo adotado uma série de discursos teóricos – existencialismo, feminismo, lacanismo, pós-estruturalismo – sempre adaptando para seu ininterrupto esforço para renovar e redefinir o explanatório poder do marxismo.

Segundo Smith (2008), diante dessa sua postura de um marxismo em diálogo com as ideias pós-modernas, alguns críticos deferem duas objeções, de um lado afirmam que Eagleton é um falastrão que não possui *insights* próprios nem metodologia que possa ser praticada, e obtém fama a reproduzir as ideias dos outros defendendo uma espécie de releitura do marxismo. De outro lado, como consequência da primeira objeção, outros afirmam que suas ideias sobre uma crítica marxista é estruturada num marxismo próprio, e não no marxismo “de fato” como afirma Eva Corredor (1993). Em defesa a essas críticas, Smith afirma que Eagleton ocupa um terreno muito difícil. Com sua constante

posição de adaptação, reação, ele intervém polemicamente em debates existentes, representando uma habilidade por reunir e antecipar movimentos intelectuais e correntes, bem como, abrir áreas de idéias de grande importância. Beaumont (2009) também defende que o método de aproximar parentes correntes de posição teóricas difusa é adotado por Eagleton por seu entendimento de que isso é um comprometimento para explorar como a crítica pode ser impulsionada em um novo engajamento social e intelectual, e a responsabilidade do crítico diante o preenchimento da função política dentro da sociedade. Nessa perspectiva, Eagleton está frequentemente mediando o marxismo com outras hermenêuticas, testando os limites deste, reformulando, transformando, mas nunca o substituindo como abordagem teórica central de sua prática crítica.

Nesse sentido, assim como Beaumont e Smith, percebemos que uma grande contribuição de Eagleton não seria necessariamente produzir “um método particular”, ou “insights originais”, já que sua defesa é a visão marxista, mas a capacidade *estratégica* (uma concepção herdada de Walter Benjamin<sup>2</sup>, nela este argumenta que em vez de dar suas próprias opiniões, um grande crítico possibilita outros para formar suas opiniões na base de suas análises críticas. que possibilita através das discussões de teorias, uma percepção em nossas próprias opiniões). Desse modo, entendemos que função crítica é basilar no pensamento de Eagleton.

Outro fator importante para entender o projeto de Eagleton é atentar para seu estilo. Defendemos que esse possui um estilo diferenciado de escritura ao unir discussões teóricas e técnicas estilísticas do humor como a parodia, ironia, hipérboles e utilização de elementos de cultura popular em oposição ao beletismo acadêmico. Sua escrita assim se distingue da tradição marxista, principalmente dos neo-hegelianos, que sempre escreveram com tom negativo

---

<sup>2</sup> Um trabalho pouco conhecido e de extrema importância de Walter Benjamin, “The Task of the Critic”, in selected writings: volume 2, 1927-1934, p.548.

e melancólico. Além disso, ao renovar o espírito da crítica marxista pelo viés do humor Eagleton encontra um forte artifício para combater alguns argumentos das correntes pós-modernas, que se utilizam fortemente da ironia humorística, em seus próprios termos. Procedendo, assim, uma análise histórica vemos como seu estilo mudou de uma linguagem marcada pelo rigor científico e jargões teóricos na década de 70 para uma linguagem despojada e sarcástica a partir dos anos 80, resultado tanto de os motivos pessoais, políticos e linguísticos. Sua obra literária une ficcionalmente a suas concepções teóricas, políticas e estéticas. A escritura de Terry Eagleton carrega em si um amalgama entre teoria literária, crítica política e estética literária, e assim, apesar das fronteiras genéricas de escritura, a defesa de suas ideias tende para um mesmo caminho, questionando assim as próprias fronteiras entre crítica e literatura.

### 3. A função crítica na arte

É dentro dessa grande capacidade produtiva e essencialmente crítica da obra “eagletiana” que almejamos desenvolver uma análise sobre a posição da teoria e da crítica para os estudos de literatura. Em vários momentos Eagleton transparece vincular uma importância crucial da crítica e da teoria para o entendimento e para a experiência do objeto literário. Desse modo, o crítico tem desenvolvido, a nosso ver, uma linha de argumentação que se inicia em 1975 com o seu livro *Criticism and ideology: a study of marxism literary theory*, em que Eagleton inicia algumas análises sobre a relação da literatura e da crítica. Esta última seria vista como um “fantasma” que antecipa e prevê a literatura possuindo uma existência natural a ela, e que a relação da crítica e da literatura é perpassada por um “sintoma” das ideologias de uma época. Para se chegar as ideologias tornou-se necessário fazer uma análise científica do texto literário, buscando o texto não como um reflexo das ideologias, mas como um produtor de ideologias e a partir dessas é que se poderia chegar a história.

Eagleton passa por um hiato de seis anos sem produzir nenhum livro, e quando reaparece ao debate teórico surge com uma proposta inovadora em

1981 com o texto *Walter Benjamin: Rumo a uma crítica revolucionária*. Ele se autocensurapelos excessos de seu “cientificismo” no ultimo trabalho e propõem uma critica que esteja plenamente em consonância com os anseios políticos mais urgentes de sua realidade material. Sobre essa mudança ele comenta posteriormente: “o livro tinha consciência da necessidade de politizar a crítica” (BEAUMONT; EAGLETON, 2010, p.194).

Em 1983, Eagleton conclui o seu livro *Teoria da literatura* (1983) com o que ele define por “Crítica Política”, reforçando a idéia de que toda crítica é política seja implicitamente ou explicitamente ideológica. Assim, ele afirma que a proposta desse livro é eliminar essa forma de repressão contra a teoria e permitir que lembremos sua presença na literatura. Além disso, afirma que sem uma teoria implícita ou explícita, não saberíamos nem como definir e ler uma obra literária.

Um ano depois em 1984, em *A função da crítica*, e em o *Significado da teoria* (1989),ele desenvolve análises sobre a condição da crítica e sua função social, suas imbricações historicamente relacionadas com a cultura, política e sociedade, e seu domínio pelas instituições de poder e no âmbito acadêmico.

Em 2003, vinte anos depois de sua consolidação no cenário da crítica literária e cultural, ele define o que entende por teoria e faz um balanço da posição teórica numa era dita “pós-teórica” em seu livro *Depois da teoria*:

“Se teoria significa uma reflexão razoavelmente sistemática sobre as premissas que nos orientam, ela permanece tão indispensável como sempre. Mas estamos vivendo agora as consequências do que se pode chamar alta teoria, numa época que, tendo se enriquecido com os *insights* de pensadores como Althusser, Barthes e Derrida, também lós avançou, de alguma forma, além deles.” (EAGLETON,2005, p.14).

Apesar de dizer que a era de ouro da teoria cultura iniciado nos anos 70 chegou a seu limite, Eagleton não exclui a possibilidade de se pensar em novas formas de entender os desafios do novo milênio, inclusive propondo

ampliação a novas áreas do pensamento cultural como por exemplo um retorno mais cuidadoso as questões metafísicas.

Sua obstinação pela crítica na literatura é tão grande que no livro *Como ler um poema* em 2007, Eagleton faz questão de iniciá-lo com o capítulo denominado “A função da crítica”, retomando sua postura explanatória sobre a literatura. Ele que tinha a intenção de organizar seu texto inicialmente diferente, ao perceber que os seus alunos estavam carentes sobre essas questões críticas, o idealizou de outro modo, apesar de ressaltar no prefácio que leitores menos iniciados deveriam começar o livro não pelo primeiro capítulo, que aborda as questões de teorias críticas, mas pelo meio onde o texto se volta para questões, aparentemente, mais estéticas e didáticas.

Isso demonstra que Eagleton desenvolve uma idéia crítica na literatura, tanto em seus métodos como em seus objetos de estudo, fruto de sua orientação marxista, e propõe uma visão crítica da sociedade e de seus objetos culturais como forma de intervir na realidade. Esse pressuposto apesar de aparentemente desconexo e fragmentado é propagado por toda sua obra e, por isso, o julgamos como ponto vital que deve ser refletido com mais vigor.

#### **4. Eagleton e o contexto brasileiro**

No contexto brasileiro constatamos que muito pouco da obra de Eagleton foi traduzida, fornecida pelas editoras e discutida proficuamente, figurando a impressão desse pensador como apenas o escritor do livro *Teoria da literatura*, e não como um crítico que possui posturas teóricas as quais esse livro é parte delas.

Eagleton se insere numa linha de pensamento de crítica materialista da cultura que é desenvolvida por nomes como Antônio Candido e Roberto Schwarz, dois dos maiores expoentes da crítica literária nacional, todavia suas percepções teóricas nessa linha não se mostram ainda particularmente estudadas.

Assim, mostra-se relevante realizar um estudo sobre pontos cruciais de sua obra que ainda se mostram um tanto relegados pelos críticos, que quando se voltam para sua obra a observam apenas com um olhar superficial, e não analisam os pressupostos basilares de sua análise.

Para demonstrar essa confluência do pensamento Terry Eagleton com a tradição de crítica cultural e literária produzida no Brasil, propomos um breve paralelo entre a obra desse e do crítico Antônio Candido, por entendermos, que ambos desempenham a suas maneiras e em suas culturas propostas similares de pensamento.

Maria Cevasco defende que as reflexões de Candido surgem quase ao mesmo tempo em que na Inglaterra Raymond Williams, mentor de Eagleton e o pioneiro da crítica materialista britânica, iria constituir a base de sua crítica (que Eagleton deu prosseguimento):

“Para dar exemplos pode-se pensar que na mesma época, e pela mesma via da incorporação das técnicas de leitura cerrada, Raymond Williams chega na Inglaterra a uma noção de forma rigorosamente simétrica à de Candido. Como nosso mestre, o crítico britânico inaugura na Inglaterra uma versão produtiva de crítica materialista que busca ler a sociedade nas formas da cultura. Acho que não seria forçar muito a nota lembrar que também na Alemanha Adorno já vinha teorizando “a forma artística como conteúdo sócio-histórico decantado”. Claro que a esta generalidade é preciso sobrepor a especificidade do desenvolvimento desigual mas combinado de cada tradição local, mas não seria exagerado afirmar que este primeiro grande momento da crítica cultural materialista pós-ortodoxa se define pela elaboração de uma noção teórica de forma que possibilita reconhecer, avaliar, e, portanto, ajudar a transformar, a realidade social. (CEVASCO,2005, p.1).

Dessa forma, faremos um breve comentário sobre a formação de ambos os críticos, para entender historicamente o desenvolvimento de uma perspectiva semelhante de crítica em duas tradições distintas.

Candido começa sua produção teórica na década de 60, sofre toda influência da tradição filológica e o começo do estruturalismo (formalismo e nova crítica). Eagleton começa na década de 70, está imerso no estruturalismo e na tradição esquerdista frankfurtiana, Althusseriana, chegando até o pós-estruturalismo. É interessante perceber que Eagleton é o divisor de águas que ainda vive o fim de uma herança marxista e estruturalista e tenta adequar o materialismo histórico as novas problemáticas pós-estruturalistas e desconstrutivas. Enquanto Candido foi astuto na defesa contra o hermetismo excessivo da ameaça estruturalista, Eagleton é o paladino marxista pós-moderno que luta para combater os relativismos extremistas dos ‘pós’, ao mesmo tempo em que atualiza a herança materialista nos seus dispositivos críticos engessados para as novas circunstâncias históricas. Ele, assim, continua a dar prosseguimentos às intervenções que outrora Candido bravamente clamava.

Tomando como base os dois livros iniciais de crítica literária de cada autor, podemos ver que, nos seus contextos, cada um tentacriar uma estruturação de teoria materialista da literatura. *Literatura e sociedade* (1965) de Candido e *Marxismo e crítica literária* (1975) de Eagleton, já demonstram pelo título o viés que os dois tomam (um pelo marxismo e outro pela sociologia) para atingirem um fim parecido: afirmar a Estruturação simbólica da sociedade na obra literária. Ambos os livros vão tratar de temas como, o historicismo na literatura, a dialética forma e conteúdo, o autor e sua relação com a sociedade.

O que percebemos em suas trajetórias, que ambos possuem traços comuns, Candido é um grande erudito, mas é em ‘essência’ um crítico de literatura, seus flertes com a moderna teoria literária são espaços, pelo próprio ensejo pluralista, dialético, mas não menos engajado. Eagleton, todavia, parece enaltecer muito mais a discussão teórica e metacrítica dos próprios

fundamentos em que trabalha, principalmente por ter vivido uma época em que a ‘teoria’ estava em alta, e era preciso ser muito consciente de seu método e ideologia.

Candido possui em sua crítica um salto dialético, “sentimento dos contrários”, pela sua visão um pouco hegel-lucakisiana de ver o todo-parte, de ver o local-universal. O fato de ele viver na “periferia do capitalismo” e experienciar as teorias, críticas e literaturas do centro/universais e ter que entendê-las negociadas, mediadas e adaptadas às problemáticas das questões literárias locais, nacionais, fez com que Candido não pudesse concebê-las de forma totalitária, harmônicas e fechadas.

Candido, assim como Raymond Williams na década de 1960 na Inglaterra, se vê na necessidade de forjar seu próprio sistema conceitual para gerir os fenômenos recorrentes em suas análises literárias e culturais. Isso ocorreu em parte por Candido possuir uma origem materialista, escassa no Brasil a época e da necessidade de romper com a crítica impressionista feita pelos seus antecessores Silvio Romero, José Veríssimo e João ribeiro. No caso de Williams, necessidade de ruptura e reorganização das teorias marxistas desenvolvidas na Inglaterra nos anos 30 e da influência leavisiana na crítica cultural e literária.

Eagleton, diferentemente, (e incluiríamos também Fredric Jameson e Slavov Zizek), utiliza-se dos aparatos conceituais marxistas desde Marx até Althusser, e possui toda uma visão da filosofia continental e das críticas à linguagem feitas pelos pós-estruturalistas europeus e americanos, e assim, em nossa opinião, consegue fornecer doses argumentativas que Candido, Williams, e tantos outros deixaram sem respostas, pois não vivenciaram intensamente, as configurações históricas da derrocada do materialismo histórico pós 70, como afirma Eagleton, para a “A idade de ouro da teoria cultural” (Eagleton, 2005, p.1), e para sua fase pós-teórica.

Outro paralelo importante dessas analogias entre Eagleton e o pensamento Brasileiro esquerdista, pode ser feito através das discussões sobre

religião e política. Antes mesmo de ser conhecido por seus debates na esfera pública, Eagleton fora um grande articulista do que era conhecido como a esquerda católica. De origem católica, o crítico iniciou seus trabalhos como editor do periódico *Slant* nos anos 60, que conclamava dois grandes pensamentos a se unir em prol de uma defesa contra as mazelas do capitalismo, de um lado os progressistas inspirados em Marx e de outro uma corrente católica que fazia uma releitura do cristianismo em termos de libertações políticas e sociais. Essa era uma época de grandes renovações na igreja católica devido a realização do Concílio Vaticano II, e para muitos foi um motivo para pensar sobre o papel social e político da religião. Eagleton chegou a publicar dois livros sobre o tema, seu trabalho inaugural *The New Left Church* (1966), uma compilação de seus escritos no *Slant* sobre teoria social e teologia, além de críticas a instituição papal e a liturgia católica. Em *The Body as Language : outline of a new left theology* (1970) um livro ousado que buscava tematizar as relações entre marxismo e cristianismo, em que Eagleton baseado em um rebuscado referencial teórico que vai desde Wittgenstein a Merleau Ponty para desenvolver uma discussão teológica baseada em princípios materialistas.

No Brasil, quase ao mesmo tempo, muitos religiosos, teólogos e pensadores sociais aderiram a um movimento latino-americano com as características bem similares a do *Slant*, e que ficou conhecido como a Teologia da libertação. Um movimento que buscava a libertação humana através de uma crítica aos valores da modernidade e ao capitalismo liberal. Baseados nos estudos sociológicos e marxistas discutiam as causas da pobreza, do individualismo e da relação centro e periferia. Desse movimento surgiram pensadores notáveis no pensamento brasileiro como Leonardo Boff, Frei Beto e Michael Löwy. O próprio Eagleton reconheceu em uma entrevista a confluência de pensamento com os teólogos da libertação dizendo que antecipara inclusive à Teologia da Libertação, que nós conhecemos bem na América Latina. (EAGLETON, 2010).

Os escritos sobre religião retornam posteriormente na fase contemporânea de Eagleton em seu retorno a metafísica, a exemplo dos livros *Sweet violence* (2002), *Holy Terror* (2005) e *Razão, Fé e Revolução* (2008). Esses livros retomam muito das discussões iniciados por Eagleton nós anos 60, e consegue erigir fortes argumentos para os debates sobre religião, ética e fundamentalismo religioso e suas relações com a política global. Como bem descreve Beaumont:

“Eagleton acredita que o marxismo e uma forma específica de cristianismo devem ‘lutar do mesmo lado da barricada contra o violento ataque dos novos espiritualismos’ e que ‘o autentico legado cristão é precioso demais para ser deixado nas mãos de aberrações fundamentalistas’.” (BEAUMONT; EAGLETON, 2010, p.17).

Acreditamos que muito das reflexões de Eagleton sobre Religião e política, tanto de sua fase de esquerda católica como de retorno a metafísica, podem contribuir para enriquecer os trabalhos produzidos por alguns teóricos brasileiros nesse campo de estudo.

## 5. Considerações Finais

Podemos ver que nesse quase meio século de produção Terry Eagleton, tem desenvolvido ideias em vários campos do conhecimento. Uma produção tão vasta e que apesar do seu *best-seller* Teoria da literatura: Uma Introdução já está em sua sexta edição no país, infelizmente 70% de suas obras não possui edição no Brasil. Vários estudos realizados no Brasil, como demonstramos, possui reverberação nos estudos do pensador britânico, principalmente no que se refere a visão materialista histórica de crítica cultural. Nosso trabalho tentou brevemente mostrar como alguns *insights* do pensador britânico podem contribuir para discussões como a literatura, religião política.

Nosso objetivo maior foi mostrar que, para Eagleton, a crítica faz parte de uma relação maior com a vida, uma função social a todos, já que por sermos seres linguísticos e históricos, produzimos significados, valores e

propósitos que se fundamentam em escolhas para o bem estar e para o gosto. Por isso a importância da consciência teórica e crítica na literatura e na cultura em geral, pois, para Eagleton, esta relação não deve ser dissociada. Temos de discernir que sem a crítica, seja ela de qualquer natureza, não poderíamos experimentar a literatura ou as formas culturais. Deste modo, defendemos a importância dessas características que são pulsantes em toda sua obra e que não devem ser negligenciadas pelos leitores brasileiros. Devem sim ser conhecidas difundidas e discutidas de tal maneira para que se possa balizar até que ponto sua contribuição pode ser útil para nossa cultura.

## Referências

COSTA, Ioná Camargo; CEVASCO, Maria Elisa B. P. S. Terry Eagleton: Uma Apresentação. *Crítica marxista*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 53-59, 1996.

CEVASCO, M. E. B. P. S. *Momentos da crítica cultural materialista*. 2005.

Disponível em:

<[http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero12/vi.html#\\_edn1](http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/terceiramargemonline/numero12/vi.html#_edn1)>. Acesso em: 13 out.2012.

EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Matthew. *A Tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton*. Tradução Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2010.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EAGLETON, Terry. *Um crítico à voga atual de falar mal de deus*. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,um-critico-a-voga-atual-de-falar-mal-de-deus,594900,0.htm>>. Acesso em: 13 out. 2012.

SMITH, James. *Terry Eagleton: critical introduction*, Cambridge, polity press, 2008.

